

# Nietzsche, um caminho para a singularidade

Ludimila de Araújo Pereira<sup>1</sup>

Resumo: No presente trabalho analisamos as críticas ferozes do jovem Nietzsche ao sistema educacional e, em consequência, à cultura alemã moderna. Para o filósofo a educação tinha sido enfraquecida devido à influência dos interesses do Estado, do mercado e da ciência. Apontando para o instinto gregário como o fundamento para a perpetuação da sociedade de massa por homens que se submetiam irrefletidamente aos ditames da época, isto é, aos interesses dominantes. Segundo Nietzsche, a possibilidade de surgir o homem singular fica em risco diante de uma educação que está corrompida pelos interesses do Estado: por corromper os estabelecimentos de ensino em vista de interesses próprios, deslegitima a formação adquirida. A partir disso, investigamos em Nietzsche uma formação que possibilitasse ao homem sair do domínio da gregariedade rumo à singularidade.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Formação. Instinto gregário. Esquecimento. Transformação

## Introdução

Durante o período em que foi professor na Universidade e no *Pädagogium* da Basileia, Nietzsche elaborou textos sobre sua experiência enquanto professor, mais precisamente sobre sua decepção e a decadência do Ensino na Alemanha. Os textos escritos nessa fase fazem parte dos escritos do jovem Nietzsche ou primeiro Nietzsche como preferem chamar alguns comentadores. A educação aparece como o principal interesse de Nietzsche, perpassando não apenas os seus primeiros escritos, mas toda sua obra – de forma implícita ou explícita – dialogando com os diversos temas que o filósofo tratou.

Nesse sentido, no presente artigo trataremos dos problemas diagnosticados pelo jovem Nietzsche relativos ao sistema educacional da Alemanha moderna, mediante seu olhar crítico e destemido, expondo quais as principais críticas de Nietzsche direcionadas a cultura e por consequência a educação – enquanto instrumento fundamental para a disseminação da cultura utilitária –, em que pilares estão alicerçados os problemas apontados por ele como causadores da vulgarização da cultu-

---

1. Graduada em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

ra. Em seguida, analisaremos o conceito de *gregariedade*, expondo qual a natureza de tal instinto apontado por Nietzsche como a causa primordial, o que tornou possível a existência de uma sociedade de massa. Para assim, investigarmos nas literaturas de Nietzsche uma possibilidade de saída do adormecimento causado por uma cultura histórica, em uma sociedade que não propõe aos seus cidadãos uma formação para a vida, mas antes, uma educação totalmente imersa numa cultura que visa o lucro. Por fim, discutiremos sobre o conceito de Formação em Nietzsche, que se exprime através de uma releitura feita por ele do lema da *Odes Píticas* de Píndaro: Como tornar-se o que se é.

## **A educação e a cultura moderna alemã**

Nos primeiros anos do século XIX, as ideias iluministas propagadas pelos intelectuais orientavam os pensamentos concernentes à educação. Esse período ficou definido como o período em que mais se refletiu e que mais se teorizou sobre educação na Alemanha. Segundo a visão iluminista, o desenvolvimento humano estava atrelado à educação, o alcance da autonomia e da ilustração pelo indivíduo que se dava através de um processo educacional, que segundo o ideal iluminista deveria ser levado às massas, o saber deveria ser então divulgado para que todos tivessem a possibilidade de ilustrar-se. Veremos nesse capítulo as críticas de Nietzsche dirigidas ao ideal iluminista de levar a educação à massa, e de como essa proposta iluminista foi a principal causa do sucateamento do sistema educacional alemão, segundo a visão nietzschiana.

Em seus primeiros escritos, Nietzsche se revela como um grande crítico do sistema educacional da Alemanha em contraponto às ideologias que surgiam na modernidade, principalmente a iluminista. Essas “ideias modernas” atendiam a uma Alemanha recém unificada sob a liderança da Prússia e que precisava sanar as diferenças regionais, além de expandir um mercado industrial que carecia de mão de obra. Para

tal projeto, era necessário um sistema educacional que fosse útil e suficientemente rápido para corresponder a todas as recentes demandas do novo país. Assim, surge uma educação massificada que perdia sua qualidade e excelência em prol de uma educação que formasse quantitativamente homens satisfatoriamente preparados para atender ao mercado e que ao mesmo tempo se tornassem unidos por uma mesma cultura.

Nesse sentido, um dos maiores incômodos do filósofo concentrava-se no fato da educação moderna alemã estar fundamentada numa concepção de cultura histórica: Os acontecimentos históricos eram tão enormemente privilegiados no ensino, que acabavam por infertilizar as possibilidades de criação e invenção dos alunos no presente, dado que apenas tinham contato com a opinião de terceiros e não tinham a oportunidade de aprender através das próprias experiências. Para o filósofo, um ensino de perspectiva histórica servia unicamente aos interesses do Estado, meio pelo qual o Estado mantinha o *status quo* estabelecido. O Estado formava apenas eruditos, chamados na modernidade de “filisteus da cultura”, que segundo o filósofo, não passavam de homens abarrotados de conhecimentos de segunda mão, históricos, nada que adviesse como fruto da sua própria relação com o mundo.

De acordo com Nietzsche, a história apenas deve vir à cena quando ela estiver a serviço da vida, o que o homem deve aprender de fato é a viver. Assim, a cultura que só pode advir da vida, que necessita da vida para nascer, fica impossibilitada de surgir no mundo, visto que, a cultura histórica a esteriliza. A cultura moderna se caracteriza pela ruptura com a vida através da busca desmedida pelo saber e da ruminação das coisas passadas, por ser uma cultura histórica, e, portanto falsa para o filósofo. Evidentemente, a história é necessária à vida, ela é própria da humanidade que acontece dentro de um espaço e tempo, porém, seu excesso estagna a vida. Como afirma Nietzsche “A vida ne-

cessita dos serviços da história, mas é necessário também convencer-se dessa outra proposição que devera ser demonstrada mais adiante, ou seja, que o excesso de estudos históricos é prejudicial aos seres vivos.”. (NIETZSCHE, 2008, p. 31)

## Os egoísmos do Comércio, do Estado e da Ciência

Nietzsche questionou as duas correntes educacionais vigentes em sua época. O que ele queria saber ao investigar tais correntes era se alguma delas seria capaz de levar o homem à educação voltada para o todo, para fazer nascer no homem o espírito singular, livre, inventivo e criador, isto é, um sistema educacional que o levasse a tornar-se o que ele é. A primeira dessas correntes era a tendência a redução da cultura e a segunda a ampliação máxima da cultura, aparentemente opostas, mas que para Nietzsche, conduziam ao mesmo efeito nefasto sobre a educação e o enfraquecimento da cultura.

A cultura, por diversas razões, deve ser estendida a círculos cada vez mais amplos, eis o que exige uma tendência. A outra, ao contrário, exige que a cultura abandone as suas ambições mais elevadas, mais nobres, mais sublimes, e que se ponha humildemente a serviço não importa de que outra forma de vida, do Estado, por exemplo. (NIETZSCHE, 2004, p. 61)

A tendência à redução da cultura buscava identificar o dom que tinha mais força nos alunos, o mais proeminente, e direcionava a este todos os trabalhos e esforços com intuito de desenvolvê-lo ainda mais, formando assim o especialista que atendia aos interesses do Estado. A segunda, investia em todas as forças existentes no indivíduo, cultivando-as com equilíbrio para que fossem harmônicas. Esta segunda, democrática com todos os dons humanos, formava de forma rápida homens que atendessem aos interesses do mercado. Na modernidade, esse era o princípio básico dos estabelecimentos de ensino, desenvol-

vimento médio das faculdades dos indivíduos, que se alcançava através da padronização e extensão do ensino. A ampliação da educação através do aumento dos estabelecimentos de ensino e da contratação de professores que em sua maioria não tinha capacidade para ensinar, geravam o desmantelamento do sistema educacional alemão.

Tais tendências buscavam atender aos interesses das três forças dominantes da época: O Estado, o mercado e a ciência. Para Nietzsche, os três egoísmos da modernidade. O Estado e o mercado são os primeiros responsáveis pela pulverização da cultura em favor de seus egoísmos. Para que seus interesses fossem alcançados, eles impossibilitavam a maturação do indivíduo que deveria acontecer de forma natural no sentido de “formar a si”, sentido pelo qual toda cultura existe, e contrariamente a cultura genuína, eles requeriam dos estabelecimentos de ensino que formassem indivíduos de modo rápido para que estes pudessem disponibilizar os seus serviços ao Estado e ao mercado tão rapidamente quanto foram formados. Além disso, cabia aos estabelecimentos de ensino formar especialistas, peritos em determinadas áreas, como pressupõe a redução da cultura.

A massificação da educação – o crescimento do número de estabelecimentos de ensino – buscava formar “homens correntes”, homens úteis ao sistema da época, que entendessem de mercado e produção, além de saber qual a forma mais rápida de obter lucro através da relação entre os comerciantes e o povo, visava formar o máximo de indivíduos para que pudessem atender as demandas de cargos estatais como soldados ou funcionários públicos, tornando-os úteis aos planos do Estado. Dessa forma, o Estado se fortalecia e garantia sua existência, já que é por meio de seus funcionários e exercito que o Estado encontra sua vantagem diante de outros.

Toda cultura que divergisse da utilitária era descartada, de tal modo que a “cultura” aqui só é permitida ao homem que tenha seus interes-

ses voltados ao ganho. Numa sociedade em que o espírito mercantil residia, as pessoas eram acometidas por uma paixão objetiva e um modo racional de enxergar seu trabalho, esse o consome de forma a diminuir o indivíduo ao *rebanho*, nivelando suas diferenças e o protegendo contra o despertar de uma singularidade. Dentro dessa perspectiva, o homem solitário, aquele que se distancia da cultura vigente tornando-se inútil a esta forma de sociedade, era desprezível, assim como toda cultura que não tinha por fim o lucro ou que almejasse levar o homem para além da cultura do ganho.

O terceiro egoísmo, os interesses da ciência<sup>2</sup>, também fazia com que a educação definhasse o que refletia na vulgarização da cultura, pois o cientista descrito por Nietzsche como erudito especialista, fruto da redução da cultura, entendia a cultura como um progresso da ciência. A ciência tinha como único interesse a formação de homens teóricos, que fossem capazes de aplicar seus métodos que tinham a premissa básica de que eles deviam a tudo conhecer. A busca desmedida por conhecimento dentro dos métodos da ciência sugava a vitalidade dos estudantes que, de forma irreflexiva sobre qual era a contribuição da ciência para a vida, se submetiam ao princípio da exploração máxima do indivíduo em favor do conhecimento, que por unanimidade era aceito nos estabelecimentos de ensino. Maria Dias pontua que “tudo analisar e decompor esteriliza a força criadora humana.” (DIAS, 1993, p. 83)

## O conceito de gregriedade

Para que possamos entender o empobrecimento da educação e, em reflexo, o enfraquecimento da cultura alemã, se faz necessário recorrer a alguns elementos e conceitos que, segundo Nietzsche, fundamentam todo o sistema no qual a sociedade moderna se solidifica, entender de

---

2. Rosa Maria Dias afirma que Nietzsche, ao criticar a ciência, não visa aniquilá-la, mas antes conter seus excessos.

que forma o movimento de rebanho é preconizado no homem e através deste reverbera na sociedade.

De acordo com Nietzsche, a *gregariedade* é o fenômeno primordial da humanidade, sem o qual a vida humana seria impossível. Toda a história da humanidade está alicerçada nesse fenômeno que foi o elemento fundamental para que o humano como conhecemos fosse concebido. A *gregariedade* é o instinto que tem mais força no homem, aquele que administra todas as suas ações e inclinações e por isso foi tão fortemente desenvolvido, até mesmo em detrimento da sua própria individualidade, dada a importância da comunidade para a preservação da vida humana enquanto espécie. Tal instinto social nasce de uma obrigação imposta aos homens para que se interessem mais por um outro ser do que por si mesmos, assim como por exemplo, um escravo tem uma vida dedicada para o bem estar do seu senhor ou um soldado que zela pelo bem estar do Estado.

O indivíduo social é educado não na condição de um indivíduo particular, “mas antes como membro de uma totalidade, como sinal de uma maioria.” (NIETZSCHE, 2007, p. 76) Este indivíduo só absorve algo enquanto membro da sua sociedade, só aprende sobre alguma coisa se essa for necessária para a preservação desta sociedade, em relação ao conhecimento de qualquer outra coisa que não vise essa preservação ele lhe imprime o desprezo. Portanto, é natural para este se opor ao aparecimento de indivíduos que desprezem tal prescrição e conseqüentemente representem um perigo ao organismo social.

Nas comunidades onde as pessoas eram mais próximas, as afecções entre elas se desenvolveram com mais força, tornando o instinto gregário indissolúvel. Dessa forma, o instinto de rebanho teve como instrumento para fortalecimento da sua estada nos homens as paixões, o afeto. A vida em comum deu origem a um bem comum que as unia na perseguição de um mesmo objetivo dentro da sociedade, tornando

-as, assim, úteis aos intentos da máquina. A observância de que o seu próprio bem-estar dependia do bem-estar do outro também foi um fator crucial para que o indivíduo se submetesse à coletividade. A consequência disso era o fortalecimento dessa comunidade, que se tornava ainda mais sólida e duradoura a partir da consolidação dos costumes e regras na vida social. A conservação da comunidade depende inteiramente do desenvolvimento desse espírito coletivo através da identidade cultural e crenças comuns, que opera em prol da comunidade.

Na sociedade moderna, o instinto de rebanho nasce a partir da dominação exercida pelos instintos gregários: as paixões e os impulsos sociais que se engendraram no indivíduo em detrimento dos instintos individuais. Isso foi possível graças a uma longa educação que possibilitou o enraizamento dos instintos sociais nos homens, tornando-os tão fortes que ficou irrevogável a sua aderência da natureza humana. A sociedade moderna se configura como o fruto da evolução do instinto gregário original, o rebanho moderno é o resultado do crescimento e da proliferação da *gregariedade* no homem.

O desenvolvimento da gregariedade foi sempre acompanhando pela presença do espírito dominador. Foi esse mesmo instinto gregário que levou o homem a construir um Estado e as instituições sociais [...] a vida para os outros, quer dizer, o estabelecimento de relações de dominação, carrega consigo a consolidação da obediência, porque aqueles que obedecem acabam reconhecendo que o seu bem-estar e a sua segurança dependem dessa obediência. (SOBRINHO, 2007, p. 20)

Na modernidade, honra significa ser reconhecido pelos outros, a busca pela solidão representa um perigo social, pois demonstra uma indiferença em ser reconhecido pelos outros membros da sociedade. Nessa sociedade, o isolamento é proibido, visto até como um rebelar-se contra a comunidade, qualquer sinal de independência diante da sociedade ou um predomínio dos instintos individuais é considerado imo-

ral, posto que vai de encontro com a moral estabelecida pelo rebanho. Diferentemente, do que a sociedade moderna faz parecer, é negado ao indivíduo uma existência com liberdade e autonomia, pois, na verdade, ele é determinado por uma cultura de massa que lhe impõe a felicidade da massa, a educação da massa, enfim, tudo que satisfaça essa totalidade social. Assim como o instinto gregário na sua origem teve auxílio da educação para propagar sua moral na comunidade, na sociedade moderna não é diferente. A educação atua como um instrumento para a cultura imposta pelo Estado, é através dela que o Estado direciona o indivíduo para um subjugar-se ao coletivo.

### **O processo de degeneração: uma saída para instinto de gregaridade**

Notadamente, na contramão do movimento de rebanho ao qual toda a sociedade está imersa, sempre surgem indivíduos rebeldes, os desertores da modernidade. Estes indivíduos com sua capacidade de introduzir algo novo e diferente a comunidade, são os que causam um desequilíbrio a estabilidade social. A sociedade em resposta a esses homens, criam leis que criminalizam todas as suas ações que coloquem em risco a conservação do meio social, nesse sentido, é justamente para que esse indivíduo seja contido que existem o Estado e a Igreja. Todavia, para que o progresso intelectual dentro da sociedade aconteça, Nietzsche afirmará que é necessária a existência desses indivíduos que são capazes de desvincular-se do rebanho e que persistem na busca por algo de novo. Esses são moralmente fracos, e por isso aptos a múltiplas experiências. Dirá Nietzsche: “as naturezas mais fortes conservam o tipo, as fracas concorrem para fazê-lo desenvolver.” (Idem, *Ibidem*, p. 73).

Ocasionalmente, aparecem homens desse tipo na sociedade, enfraquecendo sua estabilidade apenas para que algo novo possa ser in-

corporado à comunidade, sem que a mesma sofra qualquer risco de destruição, visto que não busca de fato destruí-la, mas apenas renová-la. A esses indivíduos é possível a geração desse enfraquecimento uma vez que são mais nobres e, portanto mais livres. O enfraquecimento acontece apenas com a fragmentação de uma parte, sendo que o todo permanece extremamente forte, talvez ainda mais forte do que antes da fragmentação. Segundo Nietzsche, antes de todo progresso a sociedade passa por um período de enfraquecimento parcial.

Assim como na sociedade, acontece no indivíduo o enfraquecimento parcial para que o todo possa se fortalecer. É patente que uma pessoa com certo tipo de deficiência ou mutilação, desenvolve outras habilidades para sanar a falta de alguma capacidade. Para o filósofo, até mesmo uma falta moral ou um vício trazem consigo o desenvolvimento de uma vantagem. Assim, um cego certamente desenvolverá uma audição mais apurada que lhe permitirá uma vida mais livre das privações da cegueira. Diante disso, para que o indivíduo seja levado ao progresso é preciso que dois elementos estejam em luta em seu interior: as forças e as afecções que conservam dentro dele o instinto gregário contra as naturezas degeneradas, que causam lesões parciais à força estável. Enquanto parte de um órgão social, o indivíduo absorve para si os julgamentos e as experiências propagados pela totalidade social. Para que as ligações sociais que o envolvem possam se romper, estes julgamentos e experiências precisam entrar em conflito. Para Nietzsche, cabe a educação dar firmeza e vigor suficiente ao indivíduo para que o seu todo permaneça forte, não sendo possível a ele desviar-se do seu caminho.

Os momentos mais propícios para que o homem singular se forme, são aqueles em que a sociedade está desmoralizada em consequência das corrupções. Quando as crenças vigentes entram em crise dando lugar a outras que neutralizam todos os objetos de veneração, nesse momento, os impulsos gregários estão enfraquecidos, dando lugar para que os instintos individuais possam se interpor acima deles.

De acordo com Nietzsche, em todos os indivíduos – até mesmo naqueles que querem se tornar livre – imperam irrevogavelmente os impulsos que tornaram tanto ele como os que vieram antes dele, uma função da sociedade. Tais impulsos podem restringir, favorecer ou dirigir as outras forças, “mas todas são necessárias para que eles possam viver como organismo, são as suas condições de vida!”. (NIETZSCHE. 2007, p. 97) Portanto, a sociedade gregária não pode ser destruída, já que ela é o que dá condições para que a vida aconteça e se preserve. O que busca o degenerado é apenas trazer uma mudança, fazer com que a sociedade cresça e progrida a partir da incorporação do que antes era condenado por ela como aquilo que poderia destruí-la, mas que na verdade se mostrou como um fortificador.

Assim, segundo Nietzsche, para que o homem moderno pudesse se desprender do instinto de rebanho já há muito arraigado em seu ser seria necessário que ousasse ser ele mesmo, que se aventurasse pelo caminho que o levaria a ser o que ele realmente é.

## Como tornar-se o que se é?

De acordo com Jorge Larrosa, em seu livro *Nietzsche & a Educação* (2005) o conceito de Nietzsche de formação tem fundamento em uma frase que traduzia o lema da *Odes Píticas* de Píndaro e que se tornou muito marcante na vida do filósofo, sendo tomada como subtítulo da sua obra *Ecce Homo*. “Como se vem a ser o que se é”. Convertida por Nietzsche em “Converte-se no que és”. A forma como essa frase foi lida, escrita e reescrita por Nietzsche que a repensou diversas vezes fazendo várias elaborações da mesma frase, evidencia como a frase o transpassou, e a importância desta para sua própria formação.

Nesse processo de busca por si, cada indivíduo forma a si mesmo alcançando sua própria identidade, tornando-se um humano singular ao assumir sua verdadeira forma, ao “converte-se no que é”. Para assumir

sua forma, no entanto, é necessário que o indivíduo seja capaz de fazer uma viagem solitária ao seu interior, encontrar com o seu ser através de experiências que acontecem na escola do mundo, e que levam este ser único ao auto-descobrimto.

Para Nietzsche, este homem que já é único, mas que precisa se tornar singular em uma sociedade que segue o modelo de rebanho, necessariamente, precisa ter em si o monstro leitor descrito pelo filósofo em *Ecce Homo* e que se caracteriza pela curiosidade, astúcia e cautela que o levam a ser um descobridor nato.

O caminho para a singularização proposto por Nietzsche, não é regido por um manual que contenha definições de regras de comportamento ou por uma lista de virtudes a serem perseguidas pelo sujeito, mas antes, pela questão do que fazer da própria existência, da própria vida que acontece sempre de forma contingente arbitrária e finita. Para tal caminho não existe um método, uma receita, um itinerário a ser seguido por todos os indivíduos que querem chegar a ser o que se é, posto que este caminho é criado e reinventado pelo próprio homem que, para tanto, não se utiliza da sua razão, mas segue seus instintos. Para Nietzsche, o caminho para tornar-se o que se é não busca chegar a um “eu” fixo, isso porque a existência se dá como uma eterna guerra dentro do indivíduo, onde o “eu” se constrói e se destrói incessantemente. O interior que o indivíduo se propõe a chegar, não é um eu verdadeiro, muito menos real. Essa viagem até o interior de si mesmo é um caminho sem fim, depois de uma descoberta sempre acontecem outras porque o homem já não é mais o que era antes. Dessa forma, o homem que busca se tornar o que se é, é um artista de si mesmo, que cria e inventa a sua própria vida.

Para Nietzsche, este homem desafia a sociedade e suas determinações, posto que o combate que este ele precisa vencer é contra tudo aquilo que lhe foi inculcado pelos estabelecimentos de ensino é, assim,

um combate contra o seu próprio tempo. É um desafio contra ele mesmo em busca de se tornar o que ele é, como afirma Larrosa, “para se chegar a ser o que se é, há que combater o que já se é.” (LARROSA, 2005, p. 61) Assim, o educar-se configura-se como um duelo contra tudo o que foi estabelecido pelos três egoísmos – do Estado, do mercado e da ciência –, o homem precisa desvencilhar-se da domesticação que lhe foi imposta. Essa é a querela que se instala dentro do homem, uma luta entre a normatização do agrupamento que o torna parte de uma sociedade, e a ânsia por sua singularidade que o leva a viver solitariamente.

É apenas através do esquecimento que o homem pode transformar-se infinitamente. Uma vez que é essa qualidade muito invejada dos animais<sup>3</sup> que é a única que possibilita ao homem sempre criar algo novo, pois sempre vê algo no mundo como se estivesse vendo pela primeira vez. O homem singular precisa se desprender da cultura histórica para que assim possa lançar um olhar sempre novo sobre o mundo e promover a criação de novos olhares sobre os ditames vigentes, criando a possibilidade do surgimento de novas leis que não só favoreçam as forças dominantes. Ele esvazia-se da sua memória continuamente, sempre conhecendo como se fosse à primeira vez e por isso não lhe compete repetir valores preestabelecidos, mas antes, está sempre em processo de se distinguir, cultivando sua singularidade. Nietzsche dirá que “se a lebre tem sete peles, o homem pode bem despojar setenta vezes das sete peles, mas nem assim poderia dizer: ‘Ah! Por fim, eis o que tu és verdadeiramente, não há mais o invólucro’.”. (NIETZSCHE, 2004. p. 141)

---

3. Em *Da utilidade e do inconveniente da História para a vida*, Nietzsche diz que existe no homem uma inveja da capacidade de esquecimento dos animais, esses são *não-históricos*, vivem apenas o instante e, portanto não experimentam nem o desgosto e nem o sofrimento que trazem as lembranças do passado.

## Considerações finais

A filosofia de Nietzsche se expressa como uma filosofia afirmadora da vida e das diferenças. Como ávido defensor da vida o filósofo combateu a educação de sua época que através das suas tendências culturais, minavam a vida e sua possibilidade de geração. O que o levou a sofrer perseguições tornando-o um filósofo impopular no meio acadêmico.

A educação em Nietzsche se mostra intimamente ligada a uma formação para a vida. Ao não permanecer numa educação meramente histórica, nós nos tornamos capazes de proporcionar algo de novo e autêntico ao mundo. Essa capacidade de desvencilhamento do passado através do esquecimento leva-nos a uma formação permanente. Por meio dessa formação abrimos as portas das possibilidades para nos distinguirmos de forma autêntica, contra toda educação de massa que a partir da domesticação visa definir as diferenças.

Em vistas de nos tornamos o que somos, sempre nos destruindo e nos reconstruindo novamente, temos a nossa disposição a oportunidade de um novo começo, com novas escolhas para nos transformamos naquilo que somos e que é anterior ao que seremos. Assim, estamos sempre a caminho de superar problemas que do ponto de vista de Nietzsche, não podem ser comparados a erros. Isso porque dentro de um caminho onde indivíduo percorre para tornar-se o que se é, ele não tem um conhecimento prévio do caminho a trilhar, qualquer escolha é sempre um novo caminho que está aberto dentro das suas possibilidades, jamais um erro.

## Referências

NIETZSCHE, Friedrich. Da Utilidade e do Inconveniente da História para a Vida. Trad. Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo, como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Escritos Sobre Política*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio, vol. I, 2007.

\_\_\_\_\_. *III Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador*. In: SOBRINHO, Noéli Correia de Melo (Org). *Escritos Sobre Educação: Friedrich Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2003a.

\_\_\_\_\_. *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*. In: SOBRINHO, Noéli Correia de Melo (Org). *Escritos Sobre Educação: Friedrich Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2003.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche, educador*. São Paulo: Scipione, 1993.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche & a Educação*. Trad. Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.

SILVA, Marinete Araújo da. *Nietzsche e a educação: da crítica à educação moderna a uma educação para a criação*. In: GOUVEA, G. (org.). *Pesquisas em educação*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

MELO SOBRINHO, Noéli Correa de. *A pedagogia de Nietzsche*. In: Nietzsche. *Escritos sobre educação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

WEBER, José Fernandes. *Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche*. Londrina: Editora Eduel, 2011.

VOZ ZUNBEM, Marcos de Camargo e MEDEIROS, Rodolfo Rodrigues. *Nietzsche e a educação: autonomia, cultura e transformação*. In: *Revista Acadêmica de Filosofia, Caicó-RN, ano VI, n. 1, p. 71-93, jan.-jun. 2013*.